

Marli Matsumoto

Arte Contemporânea

Diagrama de fases

Natalie Braido

texto crítico
[critic text]
Oliver Basciano

exposição [exhibition]
24 MAI - 26 JUL 2025
MAY 24 - JUL 26, 2025



Natalie Braido

Natalie Braido (São Paulo, 1996) explores and questions the concept of time in her work. She experiments with technologies, employing mechanisms and materials that address impermanence and the boundaries of the material world. Her practice considers both the biological and symbolic aspects of nature, combining ephemeral and everyday materials to create systems that investigate the poetics of mutability, instability, and failure. Participated in the group exhibitions “Eu desejo todas as coisas que vão me destruir no final” (2024), Quaseespaço, “Refundação ReOcupa” (2024), Museu da Inconfidencia Mineira, “Cheque-mate” (2024), Delirium; “Lua Nova” (2024), Marli Matsumoto, Retomada (2023), Quaseespaço; “E SE” (2023), GDA; “O caminho do meio” (2023), Marli Matsumoto; “Museum” (2023), Instituto Artium de Cultura; “Hora grande” (2022), RADAR SPArte; “Vivemos para isso - Vozes Agudas” (2022), Ateliê 397 and Galeria Vermelho; “Silêncio dos espaços infinitos” (2022), Massapê; “Estamos aqui” (2021), SESC Pinheiros; “Abre Alas 15” (2019), A Gentil Carioca; “Mirante” (2017), Oficina Cultural Oswald de Andrade, and took part in the residency at Pivô Salvador (2025).

Natalie Braido (São Paulo, 1996) explora e questiona o conceito de tempo em sua obra. Experimenta com tecnologias, utilizando mecanismos e materiais que abordam a impermanência e os limites do mundo material. Sua prática considera aspectos biológicos e simbólicos da natureza, combinando materiais efêmeros e cotidianos para criar sistemas que investigam a poética da mutabilidade, instabilidade e falha. Participou das coletivas “Eu desejo todas as coisas que vão me destruir no final” (2024), Quaseespaço, “Refundação ReOcupa” (2024), Museu da Inconfidencia Mineira, “Cheque-mate” (2024), Delirium; “Lua Nova” (2024), Marli Matsumoto, Retomada (2023), Quaseespaço; “E SE” (2023), GDA; “O caminho do meio” (2023), Marli Matsumoto; “E SE”, GDA (2023); “Museum” (2023), Instituto Artium de Cultura; “Hora grande” (2022), RADAR SPArte; “Vivemos para isso - Vozes Agudas” (2022), Ateliê 397 and Galeria Vermelho; “E SE” (2023), GDA; “Museum”(2023), Instituto Artium de Cultura; “Hora grande” (2022), RADAR SPArte; “Vivemos para isso - Vozes Agudas” (2022), Atelie 397 e Galeria Vermelho; “Silêncio dos espaços infinitos” (2022), Massapê; “Estamos aqui” (2021), SESC Pinheiros; “Abre Alas 15” (2019), A Gentil Carioca; “Mirante” (2017), Oficina Cultural Oswald de Andrade e residência na Pivô Salvador (2025).

Oliver Basciano

Oliver Basciano is a journalist and critic based in São Paulo and London. His writing has appeared in national and international media, including ArtReview, where he is editor-at-large, The Guardian, Financial Times, Daily Telegraph, Folha de S. Paulo, Times Literary Supplement, New Statesman, The Spectator, Private Eye, The White Review and e-flux Criticism, among others.

In 2018, he was longlisted for the Fitzcarraldo Essay Prize and was a judge for the Turner Prize. In 2023, he won the RSL Giles St Aubyn Award for Non-Fiction and his book Outcast: A History of Leprosy, Humanity and the Modern World is published in June.

Oliver Basciano é jornalista e crítico baseado entre São Paulo e Londres. Seu trabalho já esteve em veículos nacionais e internacionais, entre os quais estão Art-Review, em que é editor, The Guardian, Financial Times, Daily Telegraph, Folha de S.Paulo, Times Literary Supplement, New Statesman, The Spectator, Private Eye, The White Review e e-flux Criticism, entre outros.

Em 2018, foi finalista do Fitzcarraldo Essay Prize e júri do Turner Prize. Em 2023, ganhou o Prémio RSL Giles St Aubyn de Não Ficção e o seu livro Outcast: A History of Leprosy, Humanity and the Modern World foi publicado em junho.



vista da individual "Diagrama de fases"
foto Edouard Fraipont





NB1019
natalie braido
wavelength, 2025
fotografia [photography]
32 × 48.7 cm



vista da individual "Diagrama de fases"
foto Edouard Fraipont



NB1016
 natalie braido
lágrimas de rupert
[rupert's tears], 2025
 vidro e cabo de aço
 [glass and steel cable]





vista da individual "Diagrama de fases"
foto Edouard Fraipont

NB1018
natalie braido
âmbar [**amber**], 2025
aquecedor e LED [heater and LED]
36 × 26 × 14 cm





vista da individual "Diagrama de fases"
foto Edouard Fraipont



NB1017
natalie braido
dumbo, 2025
pena de avestruz e aerogel
[ostrich feather and aerogel]
45 × 53 × 7 cm





detalhe “dumbo”
foto Edouard Fraipont



vista da individual "Diagrama de fases"
foto Edouard Fraipont

NB1014
natalie braido
**4 blocos de gelo e uma montanha
de sal grosso [4 blocks of ice and
a mountain of coarse salt]**, 2017
blocos de gelo e sal grosso
[blocks of ice and coarse salt]



vista da individual “Diagrama de fases”
foto Edouard Fraipont





NB1015
 natalie braido
pulso [**pulse**], 2023
 transformador ressonante, bobina
 de papel térmica, motor e fonte
 elétrica [ressonant transformer,
 thermal paper coil, motor and
 power source]



NB1006
natalie braido
anzóis [hooks], 2024
bambu, linha , anzóis , aduino,
controlador e motor [bamboo
rod, line, hooks, arduino,
controller, and motor, the
movement of the arduino at the
base of the rod causes the
hooks to come together and move
apart continuously]
150 × 10 cm



M
Mm

Diagrama de Fases

Natalie Braidó

There is an absurdist vignette by the British poet Victor Musgrave that Natalie Braidó likes. In it, a couple, “Mr and Mrs. Everyotherman”, are taking part in a TV quiz and win a washing machine. They already have a washing machine but are now excited to have two, except the machine doesn’t work. “We thought we might win the 100 megaton sculpture,” they tell the quizmaster. Then the 100 megatron sculpture explodes: the couple are left with a washing machine only fit for the dump.

It is a confusing Dadaist scene, but one that encapsulates Braidó’s burlesque of fragility and objecthood, consumerism and ecological disintegration. *Diagrama de fases*, the artist’s first solo show with Marli Matsumoto Arte Contemporânea, is a rare exhibition of Braidó’s in which much of the work survives the duration: more often, in a form of institutional critique, her art destroys itself through a combination of natural forces. How much control Braidó exercises in that destruction varies: ‘auto-destructive art is art which contains within itself an agent which automatically leads to its destruction,’ wrote the stateless artist Gustav Metzger in 1961. ‘There are forms of auto-destructive art where the artist has tight control over the nature and timing of the disintegrative process and there are other forms where the artist’s control is slight’.

The visitor is first confronted by the often ephemeral nature of Braidó’s work in *4 blocks of ice and a mountain of coarse salt*, installed in the gallery’s garden, the salt of the title combining with the Brazilian heat

Há uma vinheta absurdista do poeta britânico Victor Musgrave de que Natalie Braidó gosta. Nela, um casal, “Sr. e Sra. Everyotherman” [Sr. e Sra. Qualqueroutro], participa de um quiz na TV e ganha uma máquina de lavar. Eles já têm uma máquina de lavar, mas ficam animados por agora terem duas – só que a nova não funciona. “Achamos que poderíamos ganhar a escultura de 100 megatons”, dizem ao apresentador. Então, a escultura de 100 megatons explode: o casal fica apenas com uma máquina de lavar que só serve para o lixo.

É uma cena dadaísta confusa, mas que encapsula a paródia burlesca de Braidó sobre a fragilidade e a condição de objeto, o consumismo e a desintegração ecológica. *Diagrama de fases*, a primeira exposição individual da artista na Marli Matsumoto Arte Contemporânea, é uma mostra rara na qual boa parte das obras sobrevive à duração da exposição: mais frequentemente, em uma forma de crítica institucional, sua arte se autodestrói por meio da ação de forças naturais. O quanto Braidó exerce controle sobre essa destruição varia: “arte autodestrutiva é a arte que contém em si um agente que automaticamente leva à sua destruição”, escreveu o artista apátrida Gustav Metzger em 1961. “Há formas de arte autodestrutiva em que o artista tem controle rigoroso sobre a natureza e o tempo do processo de desintegração, e há outras em que o controle do artista é mínimo.”

O público se depara, logo de início, com a natureza frequentemente efêmera da obra de Braidó, em *4 blocos de gelo e uma montanha de sal grosso*, instalada no jardim

M

Mm

to erode the ice. Depending on the visitor's time of arrival, they might be confronted by the initial proposition, or by its tragic aftermath: the salt and a slowly evaporating puddle. Everything or nothing: like Mr and Mr Everyotherman of Musgrave's story. Inside the first room of the gallery is *Rupert's Tears*, a curtain of glass droplets stretching down from the ceiling. The title is taken from the phenomena of Prince Rupert's Drops, molten glass dripped into cold water. As the glass hits the liquid a combination of gravity and the change of temperature solidifies into the 'head' of the droplet, the tail created as the now solid glass descends through the water. These drops have very specific, almost magical properties however: the head is incredibly strong and can withstand a huge amount of pressure. Crack the tail, though, and the entire droplet disintegrates into dust. The romantic title nods to Prince Rupert of the Rhine, the German royal who made a luxury good out of the phenomenon, gifting such drops to the English court in 1660. Thus Braido introduces her practice, destructive as it is creative, a mirror of the human condition: one artwork that disappears, one work that plays with the lineage of rarity and patronage that the artworld continues to operate today.

While on residency at Pivô Salvador, Braido has been learning to dive. With this new skill she produced *Wavelength*, an eerily, deliriously over-exposed photograph documenting her descent to the seabed. In the photograph a few of the diver's bubbles can be discerned and a buoy, the artist's lifeline to the surface bobs to the top of the frame. In Jamieson Webster's recent book *On Breathing* the U.S. psychoanalyst notes, 'The importance of breath is the way it always intertwines self, body and world.' The bubbles are absorbed into the water, which becomes the air that warms the ice in *4 blocks of ice and a mountain of coarse salt*. The circulation continues: the evaporation becomes the water that constitutes sixty percent of our breathing bodies.

To the side, against the gallery wall, is an ostrich feather. It holds, delicate in

da galeria. O sal do título, combinado ao calor brasileiro, corrói lentamente o gelo. Dependendo do horário da visita, o público pode se deparar com a proposta inicial – os blocos intactos e a montanha de sal – ou com seu desfecho trágico: apenas o sal e uma poça que evapora lentamente. Tudo ou nada: como o Sr. e o Sr. Qualquertodomundo da história de Musgrave. Na primeira sala da galeria está *Lágrimas de Rupert*, uma cortina de gotas de vidro que pende do teto. O título vem das Gotas do Príncipe Rupert, um fenômeno onde o vidro fundido é pingado em água gelada. Conforme o vidro cai no líquido, uma combinação da gravidade com a mudança brusca de temperatura solidifica a “cabeça” da gota, e cria-se uma cauda à medida que o novo sólido de vidro afunda na água. Essas gotas, porém, tem propriedades muito específicas, quase mágicas: a cabeça é extremamente resistente e aguenta uma quantidade imensa de pressão. Ao quebrar a cauda, no entanto, a gotícula toda vira pó. O título romântico faz menção ao Príncipe Rupert do Reno, membro da realeza holandesa que fez do fenômeno um bem de luxo, dando gotículas à corte inglesa em 1660. Assim, Braido introduz sua prática, tão destruidora quanto criativa, espelho da condição humana: uma obra de arte que desaparece, uma obra que joga com a linguagem de raridade e patronato operada pelo mundo da arte até hoje.

Durante sua residência no Pivô Salvador, Braido aprendeu a mergulhar. Com essa nova habilidade, ela produziu *Wavelength*, uma fotografia estranha e delirantemente superexposta, que registra sua descida até o fundo do mar. Na imagem, é possível discernir algumas bolhas da mergulhadora e uma boia – o cordão vital que liga artista e superfície – que flutua até o topo do quadro. No livro *On Breathing*, da psicanalista norte-americana Jamieson Webster, ela observa: “A importância da respiração está na maneira como ela entrelaça sempre o eu, o corpo e o mundo.” As bolhas se dissolvem na água, que se transforma no ar que aquece o gelo em *quatro blocos de gelo e uma montanha de sal grosso*. O ciclo continua: a evaporação

M
Mm

its arch, a tiny block of aerogel, a tech-driven ultralight material, in which the liquid component of a gel has been replaced with gas. This sculptural combination, *Dumbo*, has an uncanny quality, as if the viewer is witness to a perversion of weight, a ghost of nature. Like the Disney elephant, who was persuaded he could fly with a feather clutched in his trunk, this feather holds a magical counterbalance between the organic and the technological, the solid and the soluble. Aerogel is a material of extremes: it is water resistant and a bad conductor of heat. It is being researched for its potential use in the habitation of Mars: a symbol of the breaking systems that govern the warming Earth. Heat, of course, is the third part of the equation which turns water into air. In the fireplace of the gallery, a former domestic space, is *Amber*, an electric heater. Except the heater is turned with its back to us, like a naughty child, and the heat bars have been replaced with ultra strong red LED: like Musgrave’s washing machine it is an appliance only in appearance, long devoid of function.

If these works form a conceptual portrait of the complex systems that underpin the survival of life, then the headache-inducing tack-tack-tack-tack-tack emitting from the furthest room in the gallery might be taken as a warning. Through the door, and the source of the noise is revealed: *Pulse*, a transformer and two motors propel a seemingly endless reel of receipt paper past a thermal coil, leaving it scorched with lightning strike-lines. It’s a vision of our rabid consumerism, as the supremacy and disposability of objects holds, the pile of paper mimicking the imperative to spend and the piles of junk that characterise the anthropocene: as Metzger might have it a ‘form of public art for industrial societies’, the public element being that of a civic warning. *Pulse* represents the human-made non-perishable materials that integrate themselves as pollution in the air, particles in the oceans, new strata of the land. Another warning: the last work of the show, *Hooks*, a motor which causes a pair of hooks to continuously move closer and farther apart, creating tension

torna-se a água que constitui sessenta por cento dos nossos corpos respirantes. Do outro lado, encostada na parede da galeria, há uma pena de avestruz. Ela sustenta, delicadamente em seu arco, um minúsculo bloco de aerogel – um material ultraleve desenvolvido com tecnologia de ponta, em que o componente líquido de um gel foi substituído por gás. Essa combinação escultórica, *Dumbo*, possui uma qualidade inquietante, como se o espectador testemunhasse uma perversão do peso, um fantasma da natureza. Como o elefante da Disney, que foi levado a acreditar que podia voar agarrando uma pena com a tromba, esta pena carrega um contrapeso mágico entre o orgânico e o tecnológico, o sólido e o solúvel. O aerogel é um material de extremos: é resistente à água e um péssimo condutor de calor. Está sendo estudado por seu possível uso na habitação de Marte – um símbolo dos sistemas em colapso que regem o aquecimento da Terra. O calor, é claro, é a terceira parte da equação que transforma água em ar. Na lareira da galeria, um antigo espaço doméstico, encontra-se *Âmbar*, um aquecedor elétrico. Acontece que o aquecedor está de costas para nós, como uma criança levada, e as barras de aquecimento foram substituídas por LEDs vermelhos ultra potentes: como a máquina de lavar de Musgrave, é um eletrodoméstico apenas na aparência, há muito tempo desprovido de função. Se essas obras formam um retrato conceitual dos sistemas complexos que sustentam a vida, então o som indutor de dor de cabeça tac-tac-tac-tac-tac vindo do cômodo mais distante da galeria pode ser interpretado como um alerta. Atravessando a porta, revela-se a fonte do ruído: *Pulso*, um transformador e dois motores que empurram um rolo aparentemente interminável de papel de recibo na frente de uma resistência, queimando-o com marcas rajadas. É uma visão do nosso consumismo desenfreado, onde a supremacia e a descartabilidade dos objetos se mantêm; a pilha de papel imita tanto o imperativo de gastar quanto as montanhas de lixo que caracterizam o antropoceno – como diria Metzger, uma “forma de arte pública para sociedades industriais”, sendo o elemento

M
Mm

in the length of bamboo to which they are attached. At any moment, the wood and, this show seems to say, the whole system of life, is liable to snap.

Oliver Basciano

público justamente o do alerta cívico. *Pulso* representa os materiais não perecíveis produzidos pelo ser humano que se integram como poluição no ar, partículas nos oceanos, novas camadas da terra. Outro aviso: a última obra da mostra, Anzóis, é um motor que faz com que um par de ganchos se aproxime e se afaste continuamente, gerando tensão no pedaço de bambu ao qual estão presos. A qualquer momento, a madeira – e, como a exposição parece sugerir, todo o sistema da vida – pode romper.

Oliver Basciano

CV

2025

Residência [Residency]
PIVÔ Salvador

2024

15 Esculturas
FESPSP, São Paulo

*Eu desejo todas as coisas
que vão me destruir no final*
Quaseespaço, São Paulo

Refundação
ReOcupa, Museu da Inconfidencia
Mineira, Minas Gerais

SP Arte Rotas Brasileiras
Marli Matsumoto, São Paulo

Cheque-mate
Delirium, São Paulo

Lua Nova
Marli Matsumoto, São Paulo

Nova Bella 86
Rio de Janeiro

Retomada
Quaseespaço, São Paulo

2023

O caminho do meio
Marli Matsumoto, São Paulo

festa natal como eu te amo
São Paulo

E SE
GDArtistas, São Paulo

Museum
Instituto Artium, São Paulo

*Pista Quente e Ateliê*397
São Paulo

2022

Silêncio dos Espaços Infinitos
Massapê, São Paulo

Vivemos para isso
Vozes Agudas, Ateliê 397,
Galeria Vermelho, São Paulo

Padaria Pintura
São Paulo

Hora grande
RADAR SPArte, São Paulo

2021

Estamos Aqui
SESC Pinheiros, São Paulo

Rodízio
Aindabrasil, São Paulo

2020

*Virtualizando a
produção artística*
aarea.co e SESC

aindamtnada
www.aindamtnada.com

2019

Bacharelado e licenciatura em
Artes Visuais [Bachelor's and
licentiate degree in Fine Arts
UNESP, São Paulo

Funeral Piscininha
Ateliê Piscininha, São Paulo

Parabéns: Dia
Sobreloja do Edifício
Tinguá, São Paulo

Abre Alas 15
A Gentil Carioca,
Rio de Janeiro

Art Fair Casa Parte
Feira Parte, São Paulo

2018

Um Cômodo Bem Pequeno
UNESP, São Paulo

Residência [Residency]
Fundação Marcos
Amaro, São Paulo

2017

*Exposição 7 quadros,
3 instalações, 2 objetos
e uma carranca*
Ateliê 397, São Paulo

Mirante
Oficina Cultural Oswald
de Andrade, São Paulo

Almoço de domingo
Ateliê 397, São Paulo

2016

Residência [Residency]
Fundação Marcos
Amaro, São Paulo

50 anos UNESP
UNESP, São Paulo

2015

*L.O.T.E. - Lugar,
Ocupação, Tempo, Espaço*
UNESP, São Paulo

M
Mm

Diagrama de Fases
Natalie Braido

Texto [Text]
Oliver Basciano

Direção [General Director]
Marli Matsumoto

Produção [Production]
Lívia Marcondes do Amaral
Luciana Sarmento
Tainá Andery

Vendas [Sales]
Mariana Adjuto

Montagem [Exhibition Set Up]
Pablo Vieira
Lucas Rossi

Vistas da exposição [Exhibition Views]
Edouard Fraipont

Tradução [Translation]
Pedro Köberle

Projeto gráfico [Graphic Design]
Estúdio Permitido

Agradecimentos [Thanks]
Elvira Schwartzd

Marli Matsumoto

Arte Contemporânea

Diagrama de fases

Natalie Braido

texto crítico

[critic text]

Oliver Basciano

exposição [exhibition]

24 mai - 26 jul 2025

May 24 - Jul 26, 2025

R. João Alberto Moreira 128

05439-130 Vila Madalena

São Paulo SP

seg-sex 11h-19h

[Monday to Friday

from 11AM to 7PM]

sáb 12h-17h

[Saturdays 12AM to 5PM]

contato [contact]

assistente@marlimatsumoto.com.br

www.marlimatsumoto.com.br

@marlimatsumoto_